

**A Política da Boa Vizinhança sob o olhar de um catarinense: Oswaldo Rodrigues Cabral  
na *Terra da Liberdade***

Bruno Geiss Lemos<sup>1</sup>

[brunobrunolemos@gmail.com](mailto:brunobrunolemos@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Nos anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial e durante o conflito, os Estados Unidos da América empreenderam uma nova forma de se relacionar com os países ao sul do Rio Grande. A iniciativa foi chamada de Política de Boa Vizinhança e teve a característica de ser um movimento de grande difusão cultural do modo de vida norte-americano para os países da América Latina. Contudo, a direção da penetração cultural não foi somente do norte para o sul. Uma grande quantidade de intelectuais, artistas e diversos elementos culturais brasileiros viajaram aos EUA. Este ensaio pretende analisar a viagem de um desses intelectuais, o catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral, que teve seu relato de viagem publicado como um livro intitulado “*Terra da Liberdade: impressões da América*” e, assim, compreender a Política de Boa Vizinhança pelo seu ponto de vista.

**Palavras-chave:** Relações Brasil-EUA, Política de Boa Vizinhança, História e Literatura, Oswaldo Rodrigues Cabral.

**Abstract:** In the years prior to World War II and during the conflict, the United States of America engaged in a new way of relations with the countries to the south of *Rio Grande*. The initiative was called Good Neighbor Policy and had the feature of being a major cultural diffusion movement of the american way of life to the countries of Latin America. However, the direction of the cultural penetration was not only from north to the south. A great deal of intellectuals, artists and several brazilian cultural elements traveled to the US. This essay analyzes the travel of one of those intellectuals, the *catarinense* Oswaldo Rodrigues Cabral, who had his travel report published as a book entitled “*Terra da Liberdade: impressões da América*” and to comprehend the Good Neighbor Policy from his point of view.

**Keywords:** Brazil-USA relations, Good Neighbor Policy, History and Literature, Oswaldo Rodrigues Cabral.

Em 1943, Oswaldo Rodrigues Cabral, importante intelectual catarinense, foi convidado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos para realizar uma viagem a este país, com todas as despesas pagas. A proposta era que Cabral viajasse para o país ao norte do Rio Grande e escrevesse um livro com suas impressões sobre o período de sua estadia lá. Em

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina.



1944, Cabral publica um dos seus menos conhecidos livros, pelo menos entre os historiadores, e o nomeia *Terra da Liberdade: impressões da América*.

O presente artigo pretende analisar esta produção de Oswaldo Rodrigues Cabral, mais especificamente o capítulo 6, “Bons vizinhos – bons amigos”, que se detém a analisar a Política de Boa Vizinhança, posta em prática pelos governos de Franklin Delano Roosevelt nos Estados Unidos, no período entre 1933 e 1945. Partindo da perspectiva individual de Cabral, propõe-se analisar a Política de Boa Vizinhança e o sua repercussão nos níveis estadual, nacional e internacional.

Parte-se de uma breve discussão historiográfica sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos no período de 1933-1945, pretendendo-se explorar os principais conceitos elaborados pela literatura especializada nas relações Brasil-EUA para o período em questão, com a finalidade de criar um suporte teórico geral.

É indispensável, também, analisar o Estado Novo e suas implicações em Santa Catarina: as relações entre governo estadual e federal permitem-nos enxergar as peculiaridades e a complexidade que cada ator político percebeu neste período. Tema da segunda parte deste trabalho, os debates políticos em torno da disputa pela hegemonia cultural de Santa Catarina ocorrida no período lançam luzes ao motivo que levou à escolha de Oswaldo Rodrigues Cabral para ser o representante catarinense a viajar para os Estados Unidos a fim de ser um dos agentes da Política de Boa Vizinhança.

A terceira e a última parte deste artigo se detém sobre a “*Terra da Liberdade*” em si. Será abordado o conjunto obra, autor e público. Compreender a visão de conjunto do mundo circundante à obra literária esclarecerá a análise do capítulo 6, “Bons vizinhos – bons amigos”, objetivo deste trabalho e tema da última parte deste artigo.

### **As relações Brasil-EUA no contexto da Segunda Guerra Mundial: a Política de Boa Vizinhança**

A política externa dos Estados Unidos, até a década de 1930, fora marcadamente pautada pelo o que chamavam de *Destino Manifesto*, isto é, um sentimento de superioridade em relação a outras culturas e de que a missão dos estadunidenses no mundo era liderar o



progresso da humanidade. Não é à toa que suas políticas, tanto externa como interna (levando em consideração a chamada “marcha para o oeste”), foram sentidas em vários cenários regionais em distintos momentos históricos. Para a historiadora Ana Maria Mauad (2005):

A doutrina do destino manifesto foi a base sobre a qual a cultura política norte-americana cunhou sua auto-imagem, fundamental para a elaboração do mito americano. Um mito que tinha como missão espalhar os verdadeiros sentimentos da América, através dos seus sonhos de perfectibilidade. Tal estratégia pautava a política externa norte-americana numa moral que concebe a América do Norte como o local da perfeição e que compreende a sua intervenção, em outras regiões do mundo, como a tentativa de estender tal perfeição. Os pilares desse sonho de perfectibilidade seriam a Democracia e a Liberdade introduzidas pela homogeneização cultural, como mais um produto a ser consumido<sup>2</sup>.

É neste período, nas primeiras três décadas do século XX, que a Doutrina Monroe foi intensificada pelo presidente republicano dos Estados Unidos Theodore Roosevelt, que implantou a política do *Big Stick*, a qual tinha como princípio a intervenção direta nos países da América Latina. Por um lado, era a garantia de que os países europeus não interfeririam nos assuntos das repúblicas latino-americanas. Os Estados Unidos, por outro lado, mostravam-se como um novo colonizador, expandindo sua influência e aumentando sua hegemonia na região<sup>3</sup>.

No início da década de 1930, contudo, as interferências militares dos Estados Unidos nos países ao sul do Rio Grande começam a perder força devido à conjugação de três fatores: a Grande Depressão; a ascensão das ideologias nazifascistas na Europa; e a complexificação dos países latino-americanos. Para Cristina Pecequilo (2003), a Grande Depressão e a crise econômica mundial “reduziram a capacidade de projeção de poder e de controle dos Estados Unidos sobre a América Latina, diminuindo os recursos disponíveis para sua atuação externa”<sup>4</sup>. Além disso, o declínio das democracias na Europa e, em seu corolário, a ascensão dos governos totalitários na Itália e na Alemanha trouxe a iminência de uma nova guerra de grande escala. Por fim, os países latino-americanos “havam se tornados mais complexos

<sup>2</sup> MAUAD, Ana Maria. *Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942)*. In: Revista Brasileira de História, janeiro-junho, ano/vol. 25, número 049. Associação Nacional de História: São Paulo, Brasil, 2005: p 46.

<sup>3</sup> PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.112.



político e economicamente e começavam a demonstrar insatisfação com o caráter da política dos Estados Unidos<sup>5</sup>. Era imprescindível à política externa dos Estados Unidos encontrar uma nova forma de se relacionar com os países latino-americanos.

As práticas intervencionistas na América Latina não mais se sustentavam devido às mudanças conjunturais pelas quais o mundo estava passando. Diante disso, o presidente Franklin Delano Roosevelt (1933-1945) elaborou a chamada Política de Boa Vizinhança, que se tornou a nova estratégia de política externa estadunidense para a América Latina. As principais características dessa nova forma de relacionamento eram o abandono das práticas intervencionistas, utilização das negociações diplomáticas e a cooperação econômico-militar com a finalidade de conter o avanço da influência europeia no continente. Com a deflagração da guerra em 1939, tornou-se objetivo, também, o alinhamento militar dos latino-americanos contra os países do Eixo.

Esse período foi estudado por diversos pesquisadores indo além da caracterização das relações entre Brasil e Estados Unidos como uma via de mão única, do norte para o sul. Luiz Alberto Moniz Bandeira (1973) faz um grande levantamento de fontes oficiais, militares, políticas e diplomáticas para analisar a *presença dos Estados Unidos no Brasil*, título dado a sua pesquisa.<sup>6</sup> Gerson Moura (1980), por outro lado, discute as ambiguidades entre a política interna e externa do Presidente Getúlio Vargas até o momento da efetivação da aliança com os EUA. Identificou o que chamou de “*Autonomia na Dependência*” e elaborou o conceito de “equidistância pragmática” para definir a política externa brasileira do período.<sup>7</sup> Já as questões culturais e ideológicas são debatidas por Antonio Pedro Tota (2000) que analisa as diversas construções culturais da Política da Boa Vizinhança e identifica uma "americanização" do Brasil, disseminado pelo cinema, pelo rádio e pela música.<sup>8</sup> Este artigo ancora-se, principalmente, nesse tripé historiográfico para analisar as particularidades da viagem de Oswaldo Cabral aos Estados Unidos.

---

<sup>5</sup> Ibid., p.112.

<sup>6</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 [1973].

<sup>7</sup> MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

<sup>8</sup> TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.



A Política de Boa Vizinhança estava pautada no discurso da solidariedade hemisférica. Conforme Leticia Pinheiro (2013):

Foram organizadas inúmeras conferências interamericanas com esse objetivo e sua enumeração deixa evidente o esforço sistemático e relevante então realizado. Inicialmente apenas para tratar da ameaça do conflito europeu e, em seguida, de sua concretização, realizaram-se as seguintes reuniões entre as repúblicas americanas: a de Buenos Aires (1936), que proclamou a unidade americana e reiterou o princípio de não intervenção; a de Lima (1938), que aprovou a declaração de princípios sobre a solidariedade continental; a do Panamá (1939), que declarou a neutralidade continental em face da guerra européia; a de Havana (1940), que declarou qualquer ataque extra-hemisférico a um país americano seria considerado um ataque ao conjunto dos países americano; e a do Rio de Janeiro (1942), que recomendou o rompimento das relações diplomáticas das repúblicas americanas com os países do Eixo. Em que pese a resistência apresentada por parte de alguns países (...), o círculo se fechava em torno da hegemonia norte-americana<sup>9</sup>.

Somado a isso, a política externa brasileira soube se aproveitar do contexto internacional para angariar vantagens políticas e econômicas das duas potências que entrariam em conflito. Getúlio Vargas empreendeu uma dupla aproximação com a Alemanha e com os Estados Unidos, menos por uma suposta ambigüidade ideológica do próprio Vargas, mais pelos conflitos internos dentro do aparato estatal do Estado Novo. Essa política foi chamada de equidistância pragmática e foi executada por Vargas até o momento definitivo de alinhamento os Estados Unidos<sup>10</sup>.

Mas como colocar em prática essa nova estratégia de relacionamento? Como garantir o alinhamento brasileiro contra os países do Eixo? Washington veio com a resposta: penetração cultural. A iniciativa que rendeu um ostensivo sucesso foi liderada pelo milionário Nelson Rockefeller. Foi criado, em 1940, o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*<sup>11</sup> (OCIAA), vinculado ao Departamento de Estado norte-americano, e responsável pela coordenação dos empreendimentos da diplomacia cultural dos Estados Unidos para a América

<sup>9</sup> PINHEIRO, Leticia. O Brasil no Mundo. In: \_\_\_\_\_ GOMES, 2013: 152-153.

<sup>10</sup> MOURA, op. cit.

<sup>11</sup> Inicialmente nomeada como *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas*, mais tarde assumiria o nome de *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (como demonstração do poder político que Rockefeller desempenhava: de escritório de coordenação para escritório do coordenador). Por fim, chamar-se-ia *Office of Inter-American Affairs*, quando Rockefeller já não mais estava à frente de sua direção. TOTA, op. cit., p 50.



Latina. A presença da OCIAA em Santa Catarina se deu por meio de seu subcomitê em Florianópolis (*Coordination Committee for Florianópolis*).<sup>12</sup>

### **O Estado Novo em Santa Catarina**

Em 10 de novembro de 1937 foi outorgada a nova Constituição brasileira, dando início ao período chamado Estado Novo (1937-1945). Com a nova carta magna, o presidente Getúlio Vargas mantinha ainda mais centralizado em suas mãos o poder da máquina estatal, com plenos poderes para intervir nos âmbitos federal, estadual e municipal. O sistema de interventorias, já existente antes do golpe do Estado Novo, é uma das formas de centralização político-administrativa que Vargas se utilizou. O Interventor Nereu Ramos, alinhado às pretensões de Getúlio Vargas, representou as políticas estado-novistas em Santa Catarina no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Uma das pautas do novo governo de Vargas estava a questão do ideal de abrasileiramento, um projeto que previa uma homogeneização de práticas e costumes culturais, tendo como pressuposto a brasilidade. Segundo Marlene de Fáveri (2009):

A diversidade e a pluralidade cultural têm uma historicidade própria: a partir de meados do século XIX e até a década de 1940, perto de cinco milhões de europeus vieram para o Brasil, sendo que a maior parcela migrou para os Estados do Sul do país, deslocados através de políticas imigratórias em função, sobretudo, da agricultura. Não deixaram, entretanto, de também estabelecerem-se nas cidades, formando bairros concentrados e identificados por etnias<sup>13</sup>.

O governo de Getúlio Vargas estabeleceu a Campanha da Nacionalização que, através de decretos e leis, previa a incorporação e assimilação destes imigrantes aos valores da brasilidade. Em um cenário cujo número de imigrantes europeus era relevante, principalmente aqueles vindos da Alemanha e Itália, inseridos em um contexto de iminente guerra, uma proposta como essa não se executaria sem conflitos. Segundo Clayton Hackenhaar (2014):

<sup>12</sup> Para uma pesquisa de maior fôlego sobre o *Coordination Committee for Florianópolis*, a atuação da OCIAA em Santa Catarina e a importância do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) em Florianópolis, ver SCHEMES (2013): p 34-47.

<sup>13</sup> FÁVERI, Marlene de. *Tempos de intolerância: repressão aos estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina*. Revista Esboços. Vol. 16, n° 22, pp. 91-109: p 92.



Nos anos de 1938 e 1939 foi promulgada a maioria dos decretos que regulavam a entrada e a permanência de imigrantes, proibiam e reprimiam as atividades estrangeiras no Brasil, assim como a utilização de língua estrangeira em espaços públicos e a circulação de jornais em outros idiomas que não o nacional. Em 25 de janeiro de 1938, foi criada pelo governo federal, pelo Decreto-lei n.2265, a Comissão de Nacionalização, que tinha como objetivo “estudar leis nacionais para regular a entrada, fixação, naturalização e a expulsão dos estrangeiros.” A participação e a atividade política foi proibida a estes pelo Decreto-lei n. 383, de 18 de abril de 1938. O Decreto-lei n. 406, de 04 de maio de 1938, regulamentava a entrada de estrangeiros no país, assim como as cotas de imigrantes de cada país ou etnia. Em 18 de novembro de 1938 foi instituída, pelo Decreto-lei n. 868, a Comissão Nacional do Ensino Primário, para “definir a ação a ser exercida pelo governo federal e pelos governos estaduais e municipais para o fim de nacionalizar integralmente o ensino primário de todos os núcleos de população de origem estrangeira”<sup>14</sup>.

Essa política nacionalista resultou em uma perseguição ostensiva por parte do governo às populações de origem estrangeiras. Com a entrada do Brasil na guerra em 1942, aliando-se aos Estados Unidos, a Campanha de Nacionalização tornou-se questão de segurança nacional. Essa perseguição aos estrangeiros, principalmente os alemães, é dividida em dois momentos: o primeiro, em 1938, os alemães eram acusados do crime de ser estrangeiro e, posteriormente, de ser nazista; em um segundo momento, com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha e a declaração de guerra brasileira aos países do Eixo, “uma questão nacional passou a fazer parte da negociação entre Brasil e Aliados no campo da política internacional”<sup>15</sup>.

Clayton Hackenhaar (2014), além disso, defende a tese de que embora essas perseguições aos imigrantes alemães tenham partido de um contexto nacional de políticas do Estado Novo e feito parte nas negociações das relações entre Brasil e Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra Mundial, a execução desse programa foi adaptado às pretensões do interventor de Santa Catarina, Nereu Ramos:

---

<sup>14</sup> HACKENHAAR, Clayton. *O Estado Novo em Santa Catarina (1937-1945): política, trabalho e terra*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, SC, 2014: p 106-107.

<sup>15</sup> FÁVERI op.cit., p 98-99





Dessa maneira, é possível inferir que as perseguições e nomeações realizadas pelo interventor estadual não seguiam necessariamente os desígnios oficiais de assimilação e integração dos alemães e seus descendentes à cultura brasileira e aos ideais da nacionalidade, mas aos interesses pessoais, políticos e econômicos imediatos dos mais diversos atores sociais, que, em muitos momentos, determinavam aproximações ou afastamentos de “brasileiros” ou “alemães”, dependendo das disputas e dos contextos de cada região catarinense. A política estadual explica as opções efetivas da política de nacionalização<sup>16</sup>.

E também quando diz que:

A Campanha foi o álibi perfeito para Nereu Ramos perseguir tranquilamente seus adversários políticos, como os Konder, o Partido Republicano Catarinense e os integralistas. Partindo dessas constatações, entendo que a política de nacionalização do ensino, as intervenções em associações recreativas e culturais ou em estabelecimentos industriais das regiões coloniais de Santa Catarina faziam parte de uma estratégia de Nereu Ramos para dismantelar as bases políticas de seus adversários no estado, principalmente no Vale do Itajaí<sup>17</sup>.

Inserido nesses diversos contextos políticos (internacional, nacional e regional) é que se dá a escolha de Oswaldo Rodrigues Cabral para ser o representante de Santa Catarina como um agente da aproximação política nas relações Brasil-EUA.

### **Na *Terra da Liberdade*: autor, obra e viagem**

O catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral nasceu em 11 de outubro de 1903, em Laguna e faleceu em 17 de fevereiro de 1978, em Florianópolis. Formou-se em medicina, foi professor na Universidade Federal de Santa Catarina, historiador, antropólogo, político, pintor, poeta e folclorista<sup>18</sup>. Em 1943 foi convidado pelo Departamento de Estado dos EUA para realizar uma viagem ao país como uma das várias iniciativas de aproximação nas relações entre Brasil e Estados Unidos no período da Política de Boa Vizinhança. Dessa

---

<sup>16</sup> HACKENHAAR op.cit., p 124.

<sup>17</sup>Ibid., p 126.

<sup>18</sup> SOUZA, Sara Regina Silveira de. *Oswaldo R. Cabral*: páginas de um livro de memórias. Florianópolis: Editora da UFSC/UFSC, 1993, p. 17.





viagem resultou a obra “*Terra da Liberdade: impressões da América*”, publicado pela Editora Guaíra, de Curitiba, em 1944<sup>19</sup>.

Cabral não foi escolhido ao acaso para realizar tal viagem, tampouco para realizar estudos sobre paralisia infantil, conforme se noticiava à época<sup>20</sup>. Como intelectual Cabral publicara diversos artigos em periódicos, como por exemplo, o artigo “A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina”, publicado em 1941<sup>21</sup>, onde defendia a tese de valorização da cultura açoriana. Também, foi um dos organizadores do Primeiro Congresso de História Catarinense, em 1948, em comemoração ao segundo centenário da imigração açoriana, onde discursara sobre questões históricas de Santa Catarina e a posição dos açorianos na colonização de Santa Catarina<sup>22</sup>. Cabral era sensível aos debates político-culturais que ocorriam no Brasil nas décadas de 30 e 40. Foi a sua atuação em busca da criação de uma identidade regional em torno da açorianidade (em detrimento da cultura germânica, para que fique bem claro), inserido no contexto das perseguições aos imigrantes alemães que Getúlio Vargas e Nereu Ramos empreenderam, fizeram de Oswaldo Cabral uma escolha estrategicamente ponderada para ser o representante catarinense da Política de Boa Vizinhança. Para Elisa Schemes (2013):

A posição assumida por Cabral no plano das identidades regionais em consonância com a interventoria estadual, hostil aos “estrangeiros”, significou simultaneamente seu alinhamento à perspectiva da “identidade nacional” do Estado Novo. Somado a isso, entrava também em concordância com os interesses dos Estados Unidos de manter afastadas as influências do “perigo alemão”<sup>23</sup>.

Quanto à obra, trata-se de um relato de viagem em 295 páginas, divididos em nove capítulos: 1º) Adeus, Brasil; 2º) Da Flórida a Washington, D.C.; 3º) *New-York*; 4º) Às margens dos Grandes Lagos; 5º) Nas costas do Pacífico; 6º) Bons vizinhos – Bons amigos; 7º) *Arizona – New Mexico – Colorado*; 8º) A Luiziana; 9º) *Good bye, Uncle Sam!*; Bem como

<sup>19</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Terra da liberdade: impressões da América*. Curitiba: Guaira, 1944.

<sup>20</sup> SCHEMES, op.cit., p 50.

<sup>21</sup> CABRAL, O. A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina. In: *Cultura Política: Revista mensal de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Setembro de 1941. Ano I, num. 7.

<sup>22</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. 255p.

<sup>23</sup> SCHEMES, op.cit., p 54.



uma apresentação escrita por Carlos da Costa Pereira, então Diretor da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina<sup>24</sup>. Esta parte do artigo pretende-se trabalhar especificamente com o Capítulo 6 da obra, *Bons vizinhos – Bons amigos*, que para além das descrições dos roteiros realizados e das cidades as quais Oswaldo Cabral visitara, concentra-se nas pessoas que conheceu em sua estadia. É a “política dos bons vizinhos” ao nível das pessoas.

O capítulo 6, “bons vizinhos – bons amigos”, inicia-se com a percepção de Cabral sobre os Estados Unidos como uma terra hospitaleira e convidativa:

Não se viaja pela América sem fazer amigos. Nos trens, nos hotéis, nas Universidades, nas associações – em toda a parte, enfim – há sempre a possibilidade de se fazer um conhecimento, um amigo qualquer que seja sua idade, qualquer que seja o sexo, qualquer que seja sua ocupação<sup>25</sup>.

O relato de viagem de Cabral, antes de tudo, é um livro de literatura. Ele será escrito, publicado e distribuído. O autor deseja passar uma mensagem e, conhecendo o contexto que a obra fora escrita, os propósitos de sua fala ficam claros. Além de ser um relato de viagem, *Terra da Liberdade* é um produto da Política de Boa Vizinhança. Possivelmente, Cabral tinha como um dos objetivos mostrar como os norte-americanos poderiam ser tão diferentes, mas, mesmo assim, muito agradáveis e receptivos. Fica claro que a intenção é mostrar como ao nível das relações interpessoais as duas Américas podiam se relacionar amistosamente de maneira natural. Cabral atribui isso à simplicidade da vida americana:

O traço característico da vida americana é, sem dúvida, a simplicidade. O sistema que é ali usado para permitir aos visitantes um contacto íntimo com o seu povo e com a sua gente resume-se na inteira liberdade que se lhes dá para dirigir seus passos para onde queira, a ver e observar o que lhes apraz, a estudar o que lhes interessa a visitar quem lhes pareça<sup>26</sup>.

As viagens eram planeadas pelo próprio governo estadunidense:

O programa que se elabora na Divisão Cultural do Departamento de Estado resume-se num itinerário, para que o visitante não perca o seu tempo em idas

---

<sup>24</sup> CABRAL, op.cit., p 7-12.

<sup>25</sup> Ibid., p 189.

<sup>26</sup> Ibid., p 190.



e voltas, nos vagões das ferrovias, aproveitando-o integralmente. E este itinerário é feito de acordo com os desejos do convidado, que pode ver o que quiser, onde entender e como pretender<sup>27</sup>.

O capítulo inteiro é um relato sobre as pessoas com quem Cabral se relacionou durante a sua estadia nos Estados Unidos, partindo dos intelectuais mais proeminentes aos empregados na burocracia dos consulados brasileiros. Essa liberdade que era oferecida aos convidados do Departamento de Estado, podendo ir e vir para qualquer lugar, fazer o que bem entendesse, dizer apenas a que veio na cidade e no momento seguinte já ter em mãos uma programação de visitas e passeios para escolher:

Por isso mesmo sentimos mais diretamente o contacto com o povo, com gente e todas as camadas sociais – e por isso mesmo sentimos no americano a simplicidade que reputamos o traço característico de sua gente, podemos observar aspectos da sua vida social, compreender momentos de sua existência e da sua história<sup>28</sup>.

A primeira pessoa que é mencionada no capítulo é Roberto Debaylle, alcaide de Leon, da Nicarágua, que era um convidado do Departamento de Estado, tal como Cabral. O outro era Robert Smith, funcionário da Biblioteca do Congresso, responsável pela seção hispano-americana:

Robert Smith fala espanhol com desembaraço e fluência o que tornava mais interessante para todos a palestra e a certa altura, influenciado pelo meu apelido, comum no México, indaga-me dos nomes da atualidade da grande república de “além Rio Grande”  
- “Pero yo soy brasileño”, contesto”.  
- “E porque não m’o disse logo” – replicou em português de indisfarçável acento lusitano!<sup>29</sup>

Em Washington, conheceu o Dr. Marino Inchástegui, natural da República Dominicana, advogado e professor na Loyola University de New Orleans. Jantara com outro brasileiro em viagem pelos Estados Unidos, o Dr. Catete Pinheiro, que viajara para um curso

---

<sup>27</sup> Ibid., p 190.

<sup>28</sup> Ibid., p 191.

<sup>29</sup> Ibid., p 193-194.



de sanitarista. Mas foi a visita a Mister Carol Foster, que fora cônsul geral dos Estados Unidos em São Paulo, e a sua esposa:

O primeiro convite que tivemos nos Estados Unidos foi o deste casal amável, para um jantar no seu confortabilíssimo apartamento – e estávamos ainda com alguns íntimos da casa em conversa no *living-room*, olhando as luzes de Washington que se acendiam aos nossos pés, quando Mrs. Foster trouxe-nos o *consomé*.<sup>30</sup>

[...] Os pedidos de informações cruzavam-se. Um queria saber da nossa vida quotidiana, das atividades do nosso povo, dos aspectos curiosos da existência dos nossos praianos, dos nossos jangadeiros, dos nossos pescadores, dos nossos sertanejos, dos nossos vaqueiros, dos nossos gaúchos. Outro interessava-se pela família, pela religião, pelos pratos regionais, pelas bebidas – afinal, uma geral curiosidade que um serão único não seria capaz de comportar, mas que foi sendo satisfeita, com a ilustração ocasional de algum fato histórico, com a narrativa de um caso interessante ou com uma anedota inesperada – e a palestra viva e variada, cheia de animação e de pitoresco foi tomando as horas, depois do café, servido à brasileira, bem forte, quente e perfumado – como se toma sempre no Brasil e nos Estados Unidos só em casas como as do casal Foster<sup>31</sup>.

Outros encontros são realizados, como com o brasileiro Otávio Cabral, representante do Instituto do Mate; Dom Danoso Torres, poeta e professor boliviano; Joseph Spear, presidente da *Pan-American Council*; entre tantos outros, para Cabral:

Todos estes convites amáveis, todo este interesse em agasalhar (sic) e homenagear o hóspede, em oferecer préstimos e solicitar visitas exprimem o verdadeiro sentimento da hospitalidade americana na sua simplicidade e na sua franqueza<sup>32</sup>.

Interessante notar a curiosidade dos estadunidenses em relação a cultura popular dos brasileiros. Em uma escala menor, as culturas brasileiras e latino-americanas penetravam os lares ao norte do Rio Grande. Coincidência ou não, muitos dos relatos de pessoas com quem Cabral teve contato eram latino-americanos, alguns também em visita, outros já erradicados lá por opção. Nessas visitas, passeios e conversas que Oswaldo Cabral participa ou testemunha é

---

<sup>30</sup> Ibid., p 197.

<sup>31</sup> Ibid., p 198.

<sup>32</sup> Ibid., p 211.



possível perceber a Política de Boa Vizinhança se tornando palpável ao nível das relações interpessoais.

### Considerações finais

Oswaldo Cabral não foi o único brasileiro a viajar aos Estados Unidos no mesmo contexto e situação. Érico Veríssimo também fora convidado (duas vezes) e publicou seus relatos de viagem<sup>33</sup>, além de outros intelectuais, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Clarice Lispector cujas viagens ainda não foram objeto de análises por nós Historiadores.

Pretendi nesse breve artigo fazer um levantamento dos debates que estão sendo feitos na área da História sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra Mundial, período marcado pela forte penetração cultural empregada pelos estadunidenses. Porém, a contribuição desse artigo é tentar desmistificar que essa penetração ocorreu do país hegemônico para as repúblicas latinas. Essa relação foi uma via de mão dupla, diversos atores de diversos países latino-americanos realizaram viagens para o norte do Rio Grande e disseminaram sua cultura por lá.

### Referências

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 [1973].

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Terra da liberdade: impressões da América*. Curitiba: Guaíra, 1944. 295p.

CABRAL, O. *A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina*. In: *Cultura Política: Revista mensal de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Setembro de 1941. Ano I, num. 7.

FÁVERI, Marlene de. Tempos de intolerância: repressão aos estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina. *Revista Esboços*. Vol. 16, nº 22, pp. 91-109.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. 255p.

---

<sup>33</sup> *Gato preto em campo de neve* (1941) e *A volta do gato preto* (1946) foram objeto de estudo da dissertação de Mestrado de Maria A. Girardello Gatti. Para uma análise mais aprofundada, ver GATTI (2013).



GATTI, Maria Antonia Girardello. *Nas entrelinhas da boa vizinhança: literatura e política na trajetória de Érico Veríssimo entre Brasil e Estados Unidos (1941-1945)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2013.

GOMES, Angela de Castro (coord). *Olhando para dentro: 1930-1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013 (História do Brasil Nação: 1808-2010: 4) 321p.

HACKENHAAR, Clayton. *O Estado Novo em Santa Catarina (1937-1945): política, trabalho e terra* Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, SC, 2014. 236 p.

MAUAD, Ana Maria. *Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942)*. In: Revista Brasileira de História, janeiro-junho, ano/vol. 25, número 049. Associação Nacional de História: São Paulo, Brasil, 2005, p. 43-75.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SCHEMES, Elisa Freitas. *Oswaldo Cabral na “Terra da Liberdade”*: Relato de uma viagem na vigência da política de boa vizinhança. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, SC, 2013. 134 p.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. *Oswaldo R. Cabral: páginas de um livro de memórias*. Florianópolis: Editora da UFSC/UFSC, 1993.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 235p

VERISSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Editora Globo, 1946.

\_\_\_\_\_. *Gato preto em campo de neve*. (1941) Porto Alegre: Editora Globo, 1961.

---

Recebido em 15 de junho de 2015

Aprovado para publicação em 16 de maio de 2016

